

ASPECTOS HISTÓRICOS E EPISTEMOLÓGICOS DA ABORDAGEM BEHAVIORISTA: SOBRE A TRANSIÇÃO ENTRE O BEHAVIORISMO CLÁSSICO E O NEOBEHAVIORISMO¹

Jair Lopes-Júnior²
Universidade Estadual Paulista - Bauru

RESUMO - O objetivo do presente estudo consistiu em verificar se as condições nas quais ocorreu a priorização da dimensão metodológica, bem como as influências deste fato nas possibilidades de estudo dos eventos não públicos numa ciência do comportamento poderiam caracterizar histórica e metodologicamente duas modalidades distintas na abordagem behaviorista: o behaviorismo Clássico (Watsoniano) e o neobehaviorismo. Procedeu-se à análise teórica do material bibliográfico concernente à caracterização: a) do behaviorismo proposto por Watson; b) das relações entre esta versão inicial e o neobehaviorismo. Como dados resultantes desta análise caberia apontar que: a) a consecução do projeto de conversão da psicologia numa ciência natural, elaborado por Watson, evidenciou: i) a prioridade do aspecto metodológico; ii) a necessidade de uma fundamentação epistemológica desta prioridade; b) uma das principais características do neobehaviorismo consistiu em buscar esta sustentação no positivismo lógico; c) o estudo das relações entre behaviorismo e positivismo lógico não é algo isento de controvérsias interpretativas. Estes resultados sugerem que estas relações poderiam se constituir em critério de diferenciação das versões existentes na abordagem behaviorista, com implicação direta na demarcação do behaviorismo Radical.

Palavras-chave: behaviorismo clássico, neobehaviorismo, positivismo lógico, privacidade.

HISTORICAL AND EPISTEMOLOGICAL ISSUES CONCERNING BEHAVIORIST APPROACH: ABOUT THE TRANSITION OF CLASSICAL BEHAVIORISM TO NEOBEHAVIORISM.

ABSTRACT - The study was designed to investigate whether the conditions for the development of the methodological priority as far as its influence on the study of privacy by a science of behavior could be historical and

1 Este trabalho se constitui numa versão preliminar de uma das seções do capítulo 1 da Dissertação: *Sobre os Critérios de Interpretação da História do Behaviorismo Radical (1930-1945): Operacionismo e Privacidade*. Instituto de Psicologia/Departamento de Psicologia Experimental - USP/SP, 1992. Agradeço as orientações e sugestões do Prof. Dr. Luis Claudio Mendonça Figueiredo.

2 UNESP - Faculdade de Ciências/Departamento de Psicologia. Av. Eng. Luis Edmundo C. Coube s/n, 17033-360 Bauru SP.

epistemological aspects of two different versions of behavioristic approach: the classical (Watsonian) behaviorism and neobehaviorism. The procedure consisted in theoretical analysis of bibliographic material concerning to a) Watson's behaviorism; b) the relations between it and neobehaviorism. It was observed, as results, that: a) the purpose of Watson's behaviorism to convert psychology in a natural science had two features: i) the priority of methodological dimension: and ii) the need of an epistemological support for it: b) one of the main characteristics of neobehaviorism was to search that support in logical positivism; c) there are interpretative controversies in the study of the relations between that two approaches. These data suggest that relations mentioned above could be a criterion to make difference between versions in the behavioristic approach, specially in the demarcation of radical behaviorism.

Key-words: classical behaviorism, neobehaviorism, logical positivism, privacy.

O behaviorismo, seguramente, se constituiu num dos principais capítulos da história da psicologia. Ora definido como uma ciência natural do comportamento (Watson, 1963), ora como a filosofia da ciência do comportamento humano (Skinner, 1964; 1974), ele representa a defesa mais discutida, criticada, controversa e questionada do projeto de tornar a psicologia uma ciência empírica e objetiva (Hocutt, 1985; Zuriff, 1985).

Projeto este que refletiu, no âmbito da psicologia, a tendência generalizada, no final do século XIX e início do subsequente, de emancipação de algumas áreas do conhecimento dos traços que as aproximavam da investigação filosófica. O behaviorismo representa, assim, a concretização do impulso gerado para a consolidação de uma ciência psicológica inteiramente desvinculada, metodologicamente, da filosofia.

Esta concretização implicava numa dupla tarefa: no rompimento sem precedentes com a investigação filosófica tanto quanto na fundamentação epistemológica dos conceitos e das técnicas utilizadas por uma ciência empírica e objetiva do "psicológico".

Por conseguinte, nosso trajeto, no que se segue, consiste em investigar em que medida as tarefas acima mencionadas forneceriam critérios para uma compreensão de aspectos históricos e epistemológicos que caracterizam duas versões distintas no âmbito da tradição behaviorista.

No sentido de se esboçar uma contextualização histórica e epistemológica, caberia afirmar que a consolidação do behaviorismo impunha a necessidade de uma tríplice rejeição: rejeitava-se o dualismo filosófico, impregnado de pressuposições metafísicas, rejeitava-se o método introspectivo e, igualmente, rejeitava-se a consciência como objeto de estudo de uma ciência do comportamento.

Muito embora tais noções sejam sobejamente conhecidas e fortemente discutidas em manuais de história da psicologia, ainda assim elas parecem ilustrar um dado relevante para uma análise epistemológica: a emergência do behaviorismo estaria vinculada à necessidade de se delinear um programa ou projeto para o estudo, cientificamente confiável, dos eventos "mentais", numa terminologia mais compatível com a filosofia, ou dos eventos não públicos, numa terminologia de cunho mais cientificista.

É interessante ressaltar que corresponder a tal necessidade implicaria numa emancipação: a psicologia se tornaria uma ciência natural exatamente por possuir um método cujas características seriam compartilhadas pelas demais ciências naturais, pela investigação de eventos, até então, considerados como inacessíveis ao alcance científico.

Esta separação da filosofia parece estar estritamente fundamentada em termos metodológicos. Na realidade, o rompimento com modalidades de investigação que ostentavam afinidades com a filosofia poderia ser atribuído à prioridade metodológica característica da primeira versão da tradição behaviorista, inaugurada por Watson, nas primeiras décadas do século atual, denominada behaviorismo Clássico (Mackenzie, 1977) ou behaviorismo Metafísico (Mace, 1948).

Segundo Mackenzie (1977), esta prioridade que caracteriza o nascimento do behaviorismo está centrada no objetivismo metodológico, uma atitude que diferenciava esta tradição na medida em que apresentava a

"relutância em fornecer qualquer consideração a entidades ou processos que não eram observáveis direta e publicamente, uma relutância que era explicitamente implementada como uma máxima metodológica. O behaviorismo, em resumo, adotou - e, em larga escala, definiu-se por adotar - uma concepção de método científico que exigia um forte compromisso com a observação ... uma rejeição de tudo que se relacionava com não observável de qualquer tipo e uma correspondente indisposição para extrapolar para além dos observáveis na sistemática interpretação dos dados." (Mackenzie, 1977; p. 26)

A pertinência histórica e epistemológica destas restrições às tradições filosóficas dualistas, mentalistas e metafísicas da época se evidenciam na medida em que consideramos uma manifestação clara desta prioridade metodológica, a saber, nos limites e nas possibilidades do behaviorismo, enquanto abordagem psicológica, incluir em seu arcabouço empírico e conceitual, os eventos não observáveis publicamente.

Neste sentido, temos que a prioridade metodológica da versão clássica do behaviorismo, bem como sua característica central, a apologia do paradigma respondente, são identificados na proposta de investigação delineada por Watson dos comportamentos não públicos, complexos ou das faculdades, como o pensamento, por exemplo. Segundo ele, os hábitos de linguagem, ou seja, "os hábitos que quando executados implicitamente atrás das portas fechadas dos lábios denominamos pensamento" (Watson, 1963; p.225) são atividades aprendidas de modo inteiramente análogo àquele por meio do qual são estabelecidos reflexos motores condicionados.

É evidente o quanto esta posição diverge daquela mais tradicional e cuja eliminação encontra significativa resistência na psicologia, segundo a qual o pensamento é algo peculiarmente não corpóreo, intangível, evanescente e mental.

Quanto à isso, Watson (1963) sustentava que

"para o behaviorista esta resistência é devido à relutância dos psicólogos para abandonar os ensinamentos da religião nas suas psicologias. Pensamento, na abordagem da natureza privada da musculatura com a qual

ele é executado tem sido inacessível à observação isolada e experimentação direta. E há sempre uma forte inclinação para anexar um mistério a algo que não se pode ver. Quando meros fatos científicos são descobertos temos cada vez menos fenômenos que não podem ser observados, portanto, cada vez menos cabides sobre os quais se suspendem folclores. O behaviorista promove uma teoria da ciência natural sobre o pensamento que o torna tão simples e exatamente como parte de um processo biológico, quanto jogar tênis." (p. 238)

Um sucinto esboço das inúmeras implicações acarretadas pelos posicionamentos de Watson aparece bem delineado, já em 1938, quando Harrell e Harrison ressaltaram que

"ao, supostamente, expulsar a consciência da psicologia, o behaviorismo Watsoniano projetou uma filosofia igualmente indemonstrável, pois a doutrina de que apenas a realidade física pode ser conhecida é, em si mesma, uma suposição filosófica. Além disso, uma categórica negação da consciência e uma abrupta exclusão do problema mente-corpo não constitui nenhuma resposta e não soluciona nenhum problema, exceto para o discordante ... Em resumo, muito do behaviorismo era não verificado e hipóteses não passíveis de verificação e Watson era inconsistente em clamar por fatos e, ao mesmo tempo, inventar teorias mais rapidamente do que os fatos poderiam permitir." (p.130).

As inúmeras críticas endereçadas a Watson e, conseqüentemente, às características básicas da versão clássica do behaviorismo por ele inaugurada, são sintomáticas no sentido de apontar inúmeros aspectos controversos no projeto anteriormente mencionado de constituição de uma ciência do comportamento. Priorizando o aspecto metodológico, Watson se isentou de discussões epistemológicas, de questionar a natureza da ciência ou da atividade científica. Antes, o propósito básico do seu projeto era a conversão da psicologia numa ciência natural cujo método já estava devidamente consolidado nos outros ramos deste tipo de ciência.

Conquanto esta omissão de Watson tenha apresentado sua importância histórica para o behaviorismo, há que se considerar que ela, igualmente, gerou a necessidade de uma melhor fundamentação filosófica da prioridade metodológica peculiar a esta tradição psicológica, o que acarreta dizer, no tópico ora enfocado, na necessidade de uma melhor fundamentação acerca dos modos através dos quais uma ciência do comportamento estudaria os eventos subjetivos, não públicos e ditos, de modo mais descompromissado, mentais.

É de relativo consenso se admitir, no estudo histórico da psicologia e do behaviorismo, em particular, que a partir da segunda metade da década de vinte, a defesa, o aperfeiçoamento e a propagação da abordagem teórica inaugurada e proposta por Watson esteve a cargo de três grandes representantes do que se convencionou denominar neobehaviorismo: E.C.Tolman, C.Hull e B.F.Skinner (Cf. Herrnstein, 1973).

Koch (1964) e Mackenzie (1977) procuraram especificar algumas características básicas desta transição na tradição behaviorista. Segundo Koch (1964),

Aspectos históricos e epistemológicos do behaviorismo

"o behaviorismo clássico tinha sido uma tentativa para se escapar da estagnação das psicologias subjetivistas então dominantes, provendo a psicologia com um procedimento de tomada de decisão que ... levaria o movimento adiante. Mas embora a posição tenha atingido uma rápida hegemonia..., ela se degenerava com celebridade comparável em polêmicas de inflamadas discussões de programas. O neobehaviorismo pode ser visto como uma segunda tentativa de fornecer à psicologia um procedimento de decisão." (p. 9)

Assim, Koch (1964) é enfático ao afirmar que no final da década de vinte, deparava-se com muita experimentação objetiva - o que resguarda a prioridade metodológica da tradição behaviorista - mas, concomitantemente, com poucos princípios preditivos estabelecidos claramente. A experimentação parecia consistir em hipóteses desvinculadas dos dados, o que acarretava em admitir que a investigação de procedimentos de decisão se tornou a investigação de um formulário de técnicas para se constituir uma teoria rigorosa.

Mas a análise formulada por Koch (1964) acerca da transição ocorrida na tradição behaviorista da versão clássica para o neobehaviorismo ressalta que, nesta transição, manteve-se inalterada a prioridade metodológica que bem caracterizou a versão clássica da tradição behaviorista.

Contudo, tal manutenção se verifica num contexto onde as relações entre ciência e filosofia são discutidas em novas bases, fundamentadas pelos preceitos lógicos e epistemológicos introduzidos pelo Círculo de Viena. Temos, portanto, um novo capítulo nas relações entre ciência, no caso, psicologia, e filosofia, fato este de suma pertinência na caracterização histórica e epistemológica de diferentes versões na tradição behaviorista. Koch (1964) melhor caracteriza este tema ao afirmar que

"a incidência das investigações por objetividade se alterou. O behaviorismo inicial envolveu-se primariamente com as tentativas de garantir a objetividade dos conceitos descritivos usados como dado empírico. Embora não abandonando este objetivo (e, na realidade, tentando colocá-lo em bases mais seguras), o neobehaviorismo procurou reconhecer e implementar o objetivismo ao nível da teoria. A idéia era assegurar que todos os elementos de um sistema de linguagem estariam seguramente ancorados por união explícita às variáveis independentes antecedentes e às variáveis dependentes consequentes e, em geral, por realizar uma correspondência ponto-a-ponto das propriedades lógicas das formulações sistemáticas da psicologia com aquelas da física, modelo tradicional da psicologia." (p. 9, 10)

E, segundo Koch (1964), para tanto a psicologia contou com a colaboração de intermediários, a saber, filósofos da ciência (em especial, os positivistas lógicos) e estudiosos de metodologia das ciências físicas que apresentaram uma concepção acerca da natureza da ciência que era exportada para outras áreas do conhecimento, especialmente para a psicologia. Tal concepção estava baseada na reconstrução racional e se constituía numa ciência da ciência (Ayer, 1978).

J. Lopes Júnior

Mackenzie (1977) apresenta argumentos não muito distintos de Koch na caracterização desta transição. Segundo ele

"houve considerável continuidade com as atitudes básicas do behaviorismo clássico. Na transição do behaviorismo clássico para o neobehaviorismo o que foi mantido foi o traço que forneceu ao behaviorismo sua orientação positivista inicial, isto é, seu repúdio, por princípio, dos não observáveis, expresso com insistência na defesa de uma descompromissada base de observação pública e objetiva." (p. 107)

Um aspecto importante na análise apresentada por Mackenzie (1977) reside no fato deste autor sustentar que a manutenção da prioridade metodológica que caracterizou diferentes versões dentro da tradição behaviorista, esteve, no âmbito do behaviorismo, diretamente voltada para a investigação dos eventos não publicamente observáveis ou observados apenas pelo sujeito no qual eles ocorrem.

Mackenzie (1977) salienta que o apelo aos padrões de objetividade supostamente característicos das ciências físicas justificava a restrição metodológica imposta à psicologia no sentido de considerar apenas eventos observáveis, com exclusão imediata e justificada de tudo aquilo que não se ajustasse a esse critério de evidência factual, como por exemplo, mente e consciência.

No anti-mentalismo que caracterizou esta versão clássica, o behaviorismo exigia uma base para repudiar mente e consciência insistindo na objetividade dos conceitos descritivos de modo que tudo sobre o que a psicologia trataria teria que ser passível de denotação. Logo, o repúdio da consciência e o repúdio geral dos não observáveis caminharam juntos, sendo o primeiro meramente um caso especial do segundo.

O anti-mentalismo do neobehaviorismo já apresenta uma distinta caracterização. Segundo Mackenzie (1977)

"a transição para o neobehaviorismo e a explicitação do positivismo do behaviorismo envolveram dois aspectos que liberalizaram, inevitavelmente, a posição anti-mentalista. Primeiro, coisas que não podiam ser denotadas (conceitos teóricos como massa ou reforçamento) foram admitidos como importantes desde que abordados cuidadosamente. Segundo, a orientação positivista geral que incluía o repúdio dos não observáveis, que esteve inicialmente, subordinada ao anti-mentalismo do behaviorismo, tornou-se explícita, independente dos seus antecedentes polêmicos e articulada por uma variedade de teóricos a partir de uma diversidade de bases teóricas. O repúdio da mente e consciência, assim, não poderia ser considerado justificado por um critério sintético de que tais coisas não eram observáveis. Isto deveria ser baseado, ao contrário, na demonstração de que qualquer conceito mentalista não poderia satisfazer o critério de significação que determinava sua possível admissão na ciência ... A meta do behaviorismo foi tornar a psicologia uma ciência positiva: se mente e consciência podiam, de alguma forma, se tornarem objetivos, então, certamente, mente e consciência seriam objetos apropriados para a ciência." (p. 109)

Aspectos históricos e epistemológicos do behaviorismo

Assim, se a inclusão do estudo da privacidade no escopo de uma ciência do comportamento não se constituiu em traço que caracteriza diferentes versões dentro da tradição behaviorista (cf. Zuriff, 1984), este aspecto cumpre, entretanto, uma relevante função historiográfica: sugere que um dos critérios através dos quais se poderia interpretar as diferentes modalidades de behaviorismo seria exatamente a partir da análise, histórica e epistemológica, das condições nas quais ocorreu a priorização da dimensão metodológica e de que forma este aspecto determinou as possibilidades e os limites do estudo dos eventos não públicos pertencentes ao escopo de uma ciência do comportamento.

Tal como relatado anteriormente, na sua versão clássica, o behaviorismo se caracterizou por priorizar métodos de investigação que rompiam com qualquer possibilidade de vínculo ou influência com a filosofia, prioridade que representava uma apologia ao paradigma respondente e que considerava os comportamentos humano e animal como passíveis de explicação científica a partir deste paradigma.

Quanto ao neobehaviorismo, Koch (1964) e Mackenzie (1977) sugerem que esta versão inaugurou uma nova fase nas relações entre psicologia e filosofia a partir da segunda metade da década de vinte. Ambos convergem em admitir que a sustentação epistemológica do empirismo lógico foi de suma importância na constituição do neobehaviorismo e, igualmente, na maneira como os eventos não públicos foram abordados nesta nova versão, aspectos estes em muito pertinentes à argumentação aqui apresentada.

Dado que as relações entre o neobehaviorismo e o empirismo lógico, enquanto representante de uma nova concepção acerca da natureza da atividade filosófica e científica, acabaram por se constituir num aspecto em torno do qual a prioridade metodológica e o estudo dos eventos não públicos passaram a ser abordados, impõe-se, assim nos parece, a necessidade de uma melhor especificação de como a literatura caracterizou as relações, entre a psicologia (ou o neobehaviorismo, num sentido mais restrito) e tal escola da filosofia contemporânea, ressaltando também em que medida a análise destas relações proporcionou condições para a demarcação de diferentes abordagens dentro da tradição behaviorista.

Neste sentido, podemos considerar três modelos que procuraram caracterizar, ou mesmo interpretar, as relações entre o neobehaviorismo e o empirismo lógico: aqueles professados por Koch (1964), Mackenzie (1977) e Smith (1989).

Segundo Koch (1964), a psicologia, representada pelo neobehaviorismo, foi profundamente influenciada pelo movimento filosófico iniciado pelo Círculo de Viena. Esta influência se caracterizou pelo enlace entre atitudes básicas do behaviorismo clássico e algumas interpretações de um modelo de ciência que consistia numa mescla do positivismo lógico, neopragmatismo e operacionismo. A psicologia, dentro da sua tradicional predisposição para incorporar métodos já desenvolvidos em áreas científicas mais estabelecidas, importou conceitos, métodos e análises epistemológicas do positivismo lógico.

A noção de importação é básica na caracterização do modelo professado por Koch. Na acepção por ele atribuída, a psicologia ao importar aspectos metodológicos e epistemológicos de outra área do conhecimento acabou por submeter-se inteiramente a eles.

Neste sentido, Koch (1964) avalia que

"o que parece ter sido transmitido ao psicólogo típico poderia ser caracterizado como um oceano de pavor circundando uma pequena ilha de informação na forma de slogans, como por exemplo, que uma teoria é um sistema formal interpretado, que tais sistemas são constituídos por tais e tais elementos, que uma teoria mantém contato com estados observáveis de relação via uma especificação das operações experimentais ou por meio de um artifício enigmático conhecido como sentença de redução." (p.11)

Toda esta terminologia foi, segundo ele, assimilada de modo não crítico pela psicologia, com o propósito evidente de fornecer sustentação epistemológica para o objetivismo metodológico característico da tradição behaviorista.

O modelo advogado por Koch apregoa, desta forma, que a importação de preceitos metodológicos e epistemológicos por parte do neobehaviorismo caracterizou, a filiação e a subordinação da psicologia para com o positivismo lógico. Uma consequência evidente deste modelo interpretativo reside exatamente no fato de que o neobehaviorismo (e a psicologia, num sentido mais amplo) estaria exposto às inúmeras críticas e objeções remetidas ao positivismo lógico; críticas e objeções que acabariam por acarretar naquilo que Koch (1964) denomina de evaporação do suporte metodológico do neobehaviorismo, ou seja, sua incapacidade de abordar de modo satisfatório aspectos epistemológicos da atividade científica.

Teríamos, assim, que no modelo por ele proposto, a aliança entre o neobehaviorismo e o positivismo lógico caracterizou-se pela importação, não apropriada, por parte da psicologia, de uma concepção estranha de conhecimento e de ciência, sendo que esta importação, além da natural adesão, acabou por prejudicar a psicologia, no sentido desta desenvolver sua própria epistemologia.

O modelo a partir do qual Mackenzie (1977) interpreta as relações entre o neobehaviorismo e o positivismo lógico sustenta, ainda que parcialmente, algumas semelhanças com o de Koch (1964). Mackenzie, a exemplo de Koch, afirma que os neobehavioristas importaram, de modo inadequado, aspectos metodológicos e epistemológicos do positivismo lógico, adotando os padrões externos de objetividade e formalismos metodológicos professados pelos representantes do Círculo de Viena. Mas este segundo modelo interpretativo apresenta algumas características que o diferem do anterior.

Segundo Mackenzie (1977), o behaviorismo se constituiu na mais detalhada e sofisticada tentativa de desenvolver uma ciência unicamente sobre princípios metodológicos, ou seja, através da especificação e do uso de regras de procedimento detalhadas e explícitas. E nesse sentido, a influência das técnicas metodológicas professadas pelo positivismo lógico foi decisiva. Estas constituíram um conjunto de procedimentos para reconstruir teorias e conceitos e verificar se eles apresentavam conteúdo metafísico. Uma característica importante de tais procedimentos e regras é que estes não orientavam no sentido de se construir novas teorias.

Assim, de acordo com o modelo de Mackenzie (1977), a psicologia, ao incorporar os preceitos metodológicos e epistemológicos do positivismo lógico, priorizou o aspecto metodológico em detrimento de questões substantivas presentes na ciência, como questionamentos sobre o que versa a ciência, sobre quais são os fatores explicativos

Aspectos históricos e epistemológicos do behaviorismo

ou causais. Isso equivale afirmar que, segundo Mackenzie, a importação operada pelo neobehaviorismo acarretou na submissão do objeto de estudo da psicologia a questões metodológicas. Nesta característica básica da relação entre o neobehaviorismo e o positivismo lógico residiria uma evidente limitação do método científico:

"não há nenhum substituto metodológico para as boas idéias, em todos os estágios da pesquisa e nenhuma metodologia garantida para adquiri-los; e enquanto instrumentos metodológicos são necessários para comparar e desenvolver estas idéias, o progresso científico é possível apenas se os instrumentos, ao invés do material a ser utilizado, possuírem função de suporte." (p.155)

Smith (1989) apresentou um terceiro modelo interpretativo procurando bem especificar em que medida este diferia dos anteriores. Segundo Smith (1989), os modelos de Koch e Mackenzie seriam os representantes mais conspícuos daquilo que se convencionou denominar de interpretação padronizada da relação entre behaviorismo e positivismo lógico. De acordo com esta interpretação padronizada, tais relações apresentam três características básicas: (a) o fato de o neobehaviorismo ter importado sua metodologia do positivismo lógico; (b) o fato de esta importação ter acarretado na subordinação do objeto de estudo da psicologia ao método; (c) o fato de esta importação ter propiciado um destino comum a ambos. Deste modo, as falhas ou equívocos do positivismo lógico como filosofia da ciência implicariam na rejeição do behaviorismo; ou que as falhas ou equívocos do behaviorismo como abordagem na psicologia acarretaria no descrédito do positivismo lógico.

Neste modelo interpretativo padronizado, considera-se que o positivismo lógico forneceria critérios neutros para a avaliação de teorias científicas, como por exemplo, a neutralidade teórica da linguagem que descrevia os dados obtidos, a possibilidade de se reduzirem conceitos teóricos à linguagem física, as definições implícita e explícita dos termos primitivos, dentre outros, sendo que o neobehaviorismo teria apresentado total adesão a tais preceitos.

Smith (1989), contudo, ressaltou que este modelo interpretativo padronizado não está isento de críticas. Ele argumenta que nenhum dos trabalhos que procuraram caracterizar a relação entre o neobehaviorismo e o positivismo lógico esteve baseado numa análise histórica minuciosa ou em fontes de arquivo que viabilizariam um maior rigor na fundamentação bibliográfica. Assim, a interpretação padronizada da relação entre o neobehaviorismo e o positivismo lógico, que sugere a existência de íntimas influências entre ambos, está baseada em questionável fundamentação bibliográfica e com limitada atenção para detalhes históricos.

Um argumento básico deste terceiro modelo sugere que os estudos que procuraram apontar as relações entre o neobehaviorismo e o positivismo lógico, estudos que Smith (1989) denomina de reconstruções racionais da aliança entre eles, têm apresentado caracterizações limitadas e enganosas desta relação.

No estudo desta relação, Smith (1989) salienta a importância de se diferenciar entre, de um lado, o estudo histórico genuíno da ciência, e de outro, a sua reconstrução racional. Tal procedimento se justifica visto que a reconstrução racional pode especificar paralelos entre duas escolas de pensamento, sendo que este fato, contudo, não se

constitui em evidência para se inferir a existência de influências históricas entre elas. Um dos exemplos fornecidos por Smith (1989) acerca da capacidade da reconstrução distorcer a história é de particular importância na argumentação ora desenvolvida. Segundo ele, importantes distinções históricas não são respeitadas pelas perspectivas filosóficas ou temporal a partir da qual a reconstrução é realizada, sendo que

"esta dificuldade é exemplificada pela tentativa dos comentadores da aliança behaviorismo-positivismo de subestimar ou negligenciar profundas diferenças entre várias formas de behaviorismo e entre vários positivismos com os quais aqueles behaviorismos estiveram associados." (p.16)

Temos, portanto, que uma característica inicial do modelo interpretativo proposto por Smith consistiu em questionar as bases sobre as quais emergiram os modelos anteriores. Numa melhor especificação deste seu modelo, Smith (1989) sustenta que

"a aliança entre o behaviorismo e o positivismo lógico esteve baseada não tanto sobre uma compreensão intelectual legítima quanto sobre convergências relativamente superficiais de opinião sobre amplas questões e assuntos de retórica e propaganda ... De uma perspectiva histórica, contudo, esta influência pode ser vista como tendo sido mais restrita e variada do que se acreditava previamente. Às vezes, o positivismo lógico foi uma influência reforçadora - embora não formativa - sobre o neobehaviorismo. Ele modelou alguns dos detalhes das metodologias neobehavioristas (e a terminologia na qual eles foram descritos) mas sem instigar aquelas metodologias. Outras vezes, ele alterou e desviou desenvolvimentos dentro do neobehaviorismo, às vezes suprimindo idéias novas e significantes. E, de modo relevante, ele ocasionalmente colocou-se em oposição direta a certas visões neobehavioristas, por meio do que obscurecia teses unicamente behavioristas." (p.18)

Assim, o estudo das relações entre a psicologia e o positivismo lógico - enquanto expressão da prioridade metodológica que caracterizou a emergência da tradição behaviorista - sugere que, de um lado, Koch e Mackenzie ressaltavam a sustentação epistemológica fornecida pelo positivismo lógico a uma emergente versão de behaviorismo a partir da década de trinta, sem, contudo, uma precisão histórica suficientemente capaz de apontar as diferentes variedades de neobehaviorismo, sugerindo que as influências do positivismo lógico foram assimiladas pelo neobehaviorismo independentemente dos autores e dos respectivos sistemas que caracterizaram esta versão do behaviorismo. Por outro lado, Smith contesta a intensidade de tais influências, sugerindo, por sua vez, a importância das diferenciações dentro do neobehaviorismo no estudo destas influências.

Muito embora Koch e Mackenzie, de um lado, e Smith, de outro, tenham apresentado posicionamentos diferenciados na caracterização da intensidade com a qual as teses do positivismo lógico influenciaram o neobehaviorismo, os três modelos descritos parecem legitimar o argumento, segundo o qual, a prioridade metodológica caracterizava a abordagem behaviorista no âmbito da psicologia.

Aspectos históricos e epistemológicos do behaviorismo

A argumentação que fornece sustentação epistemológica a tal prioridade, contudo, como tivemos a oportunidade de ressaltar, mostrou-se fundamentada em diferentes elementos ou condições quando considerada na versão clássica de Watson e ao ser proposta pelos autores neobehavioristas.

Tais distinções foram evidenciadas quando abordamos o tratamento dispensado por estas duas versões da tradição behaviorista à investigação dos eventos não públicos. A versão clássica insistiu em negar qualquer compatibilidade entre a constituição de uma ciência natural do comportamento e a investigação de propriedades do comportamento não passíveis de explicação pelo paradigma respondente. Portanto, termos como mente, consciência, sentimento, dentre outros, seriam eliminados da psicologia, por se constituírem em ficções remanescentes de doutrinas filosóficas antagônicas à constituição de uma ciência na qual a ênfase de investigação estaria voltada para o estudo de reflexos motores condicionados. Já os autores neobehavioristas mantiveram o antimentalismo, contudo, não mais fundamentados nas excessivas restrições da versão clássica. Aceitar ou não termos tradicionalmente denominados mentalistas (consciência, mente, dentre outros) era, agora, alvo de discussões epistemológicas distintas daquelas esboçadas por Watson. De modo mais específico, contemporâneo ao aparecimento e constituição do positivismo lógico, o neobehaviorismo - em nítida oposição à versão clássica - expressou maior tolerância às possibilidades de uma ciência do comportamento ocupar-se com a investigação de eventos não publicamente observáveis, sendo que nesta versão (neobehaviorismo) tais eventos foram expressos em termos de variáveis intervenientes. A consideração das variáveis intervenientes pelos autores neobehavioristas (propósito, cognição, valor de incentivo, potencial de reação, dentre outras) evidenciam a redução do poder explicativo do paradigma respondente, a necessidade de uma nova elaboração conceitual para estas variáveis (repudiadas na versão clássica), elaboração esta que sugere influências de aspectos epistemológicos presentes nos critérios de cientificidade propostos pelos membros do Círculo de Viena.

As distinções verificadas nas interpretações de Koch, Mackenzie e Smith são relevantes no sentido de apontarem um outro aspecto que torna a investigação das relações entre o behaviorismo e o positivismo lógico pertinente ao estudo histórico e epistemológico do behaviorismo: as características de tais relações poderiam se constituir num dos critérios de diferenciação das versões existentes dentro desta tradição. Em que medida tal critério se sustenta e quais as suas implicações na demarcação do behaviorismo Radical parecem se constituir em temas cuja investigação estaria voltada, assim como o tema abordado neste trabalho, para a elucidação de aspectos históricos e epistemológicos da abordagem behaviorista.

REFERÊNCIAS

- Ayer, A.J. (1978). *El positivismo lógico*. Madrid: Fondo de Cultura Económica.
- Harrell, W.; Harrison L. (1938). The rise and the fall of behaviorism. *Journal of General Psychology*, 18, 367-421.
- Herrnstein, R. J. (1973). Introduction to John Watson's Comparative Psychology. Em

J. Lopes Júnior

- M. Henle; J. Jaynes; J. J. Sullivan (Orgs.) *Historical conceptions of psychology*. New York: Springer. (p.98-115).
- Hocutt, M. (1985). The Truth in Behaviorism: A Review of G.E. Zuriff, Behaviorism: A Conceptual Reconstruction. *Behaviorism*, 73(1), 77-82.
- Koch, S. (1964). Psychology and Emerging Conceptions of Knowledge as Unitary. In T. S. WANN, (Orgs.) *Behaviorism and phenomenology: Contrasting bases for modern psychology*. Chicago: University of Chicago Press. (p. 1-45)
- Mace, A.C. (1948). Some implications of analytical behaviorism. *Aristotelian Society XLIX*, 1-16.
- Mackenzie, B. (1977). *Behaviorism and the limits of scientific methods*. London: Routledge and Kegan Paul.
- Skinner, B. F. (1964). Behaviorism at Fifty. In T.S. Wann, (Org.) *Behaviorism and phenomenology: Contrasting bases of modern psychology*. Chicago: University of Chicago Press.(p.79-108)
- Skinner, B. F. (1974). *About Behaviorism*. New York: Knopf
- Smith, L. (1989). *Behaviorism and logical positivism*. Stanford: Stanford University Press.
- Watson, J. (1963). *Behaviorism*. Chicago: University of Chicago Press.
- Zuriff, G. E. (1984). Radical behaviorism and theoretical entities. *The Behavioral and Brain Sciences*, 7(4), p. 572.
- Zuriff, G. E. (1985). *Behaviorism: A conceptual reconstruction*. New York: Columbia University Press.

Recebido em 24.11.1992

Aceito em 30.09.1993